

Da literatura em tempos de pandemia na França

Alexis Nouss

julho, 2020

As vendas de *A peste* explodiram, mais que as de outros títulos que a mídia não deixou de reunir como a *playlist* literária do confinamento: começando por *O cavaleiro do telhado e a dama das sombras*, de Jean Giono, e *A quarentena*, de J. M. G. Le Clézio, passando pelo *Decamerão*, de Boccaccio, até *Um diário do ano da peste*, de Daniel Defoe. Os professores da literatura dos séculos passados poderão, ademais, se surpreender e depois se deleitar com o sucesso dessas duas últimas obras, cuja leitura não tem nada de simples. Que a peste carregue *A peste*, agora em falta de estoque. Após os atentados do 11 de setembro, e aqui a metáfora soa mal, as vendas do Alcorão também explodiram. Será que os leitores passaram a conhecer melhor o Islam? Podemos ficar na dúvida, assim como podemos nos perguntar sobre a relação com a literatura que se revela a partir dessa sede literária em tempos de pandemia.

A *playlist* é o sintoma de uma pulsão antológica que tem o mérito de nos tranquilizar. Listamos, listamos, citamos, citamos. Será que lemos? Não é essa a questão. Refugiamo-nos por detrás das prateleiras. Uma concepção da literatura enquanto biblioteca, em que o efeito da literatura se traduziria em termos de massa e de poder, para citar o célebre título de Elias Canetti, *Masse und macht*, obra na qual, aliás, uma seção é reservada à epidemia como produção de uma “massa morta” e que nos faz viver “na igualdade de uma terrível espera na qual se desfazem todos os outros laços humanos”. Exatamente o contrário de seu *A consciência das palavras*, prêmio Nobel de literatura de 1981, em que os escritores eram vistos como “os guardiões das metamorfoses”, atentos a tudo o que se tece de indivíduo a indivíduo e contrários a todas as totalidades compactas.

A *playlist* é o sintoma de uma pulsão antológica que tem o mérito de nos tranquilizar. Listamos, listamos, citamos, citamos. Será que lemos? Não é essa a questão. Refugiamo-nos por detrás das prateleiras.

É claro que não lemos o romance de Camus à espera de momentos agradáveis, trata-se mais de uma pausa “intelectual” entre uma série na Netflix, o preparo de uma torta de maçã e os agachamentos no tapete. O texto pode até parecer austero, permeado de diálogos elevados e de enunciados filosóficos. Em Giono há mais ações, em Le Clézio mais cenas de natureza, mas em Camus, apesar de tudo, o clima da epidemia pesa em toda a sua gravidade e estimula a reflexão do leitor. Tragédia e entretenimento não são uma boa mistura ainda que a primeira nos leve ao segundo. Leríamos esses livros pelo tema de que tratam, a epidemia, e esperaríamos deles uma função precisa que demanda um uso da literatura – e da arte, em geral –, o efeito-espelho conhecido desde os gregos: ao reconhecer o meu presente numa situação similar, posso retirar dali um conhecimento sobre o que me acontece, dissipar o desconhecido e suscitar reações de defesa. Além disso, crio

para mim uma genealogia: o que me acontece já aconteceu, não estou sozinho nem sou o primeiro, e minha angústia se vê assim certamente reduzida.

Leríamos, então, para obter alguma certeza nos grandes tempos de incerteza que são os nossos. O ganho é evidente, mas seria ele realmente importante? E precisaríamos solicitá-lo à literatura? Pois a busca de uma certeza pode também se manifestar como uma denegação, uma estratégia que visa minimizar a gravidade das circunstâncias e que pode suscitar comportamentos inapropriados e enganosos. Contudo, buscar uma certeza é ainda mais compreensível quando a situação atual se revela no mínimo nebulosa diante dos desacordos entre políticos e cientistas, desacordos entre os próprios políticos e entre os próprios cientistas. A incerteza reina: natureza da doença, máscaras, testes, número de mortos, duração e fim do confinamento, etc.

Leríamos esses livros pelo tema de que tratam, a epidemia, e esperaríamos deles uma função precisa que demanda um uso da literatura...

Consequentemente, mais do que lutar contra a incerteza para continuar a viver, não seria preciso aprender a viver com a incerteza? E isso a literatura pode nos ensinar. Pergunte a um grande-escritor-bem-confinado, o tal Proust, Marcel, cujo papai médico, Armand, tinha, aliás, se especializado na luta contra as epidemias. Quando evoca as paisagens e os momentos de sua infância, o narrador de *Em busca do tempo perdido* não busca se embalar nos balanços nostálgicos e reconfortantes do passado, mas visa compreender seu presente e solicita à escrita o desvio necessário. Pois o presente é incerto. Para vivê-lo, é preciso desgarrar-se dele, aceitar o vaivém do passado ao presente, expor-se, em suma, ao incerto. De passagem, ele nos ensina também que a evasão temporal vale como evasão espacial, o que é bastante útil em tempos de confinamento. Na mesma época, um dublinense que ia sendo aos poucos confinado pela cegueira fazia seu judeu-irlandês Ulisses percorrer por 24 horas todos os seus lugares rotineiros para minar-lhes o conforto.

Proust e Joyce são contemporâneos de Einstein, de Planck e dos primeiros passos de uma ciência dura que irá endossar a noção de incerteza (princípio da incerteza, física quântica, lógica difusa e outras teorias do caos), mas cujos mecanismos nem todos podem compreender. A literatura, por sua vez, oferece uma abordagem *soft*, mais suave. Pensemos em Emma Bovary. Ela existe ou não existe? Sim e não. Ela é extraída do real, mas não faz parte dele. Sua existência se desdobra diante de nós sob um regime de incerteza. E quanto a nossa realidade confinada? Não é, ela também, irreal? Quase todo o planeta paralisado por uma coisinha espinhosa de 60 a 140 nanômetros, extremamente pequena, ou, pelo menos, totalmente invisível a olho nu. Nunca a vi, mas estou infelizmente seguro de sua existência e acredito nela.

...ao reconhecer o meu presente numa situação similar, posso retirar dali um conhecimento sobre o que me acontece, dissipar o desconhecido e suscitar reações de defesa.

Ludwig, “o sátiro”, se surpreendia que pudéssemos dizer “Acredito com certeza”, como se sustentar a crença desvalorizasse a certeza. Mas Wittgenstein era um filósofo que duvidava de tudo, não acreditamos nele. Vejamos agora aquele escritor de Praga que escrevia: “Existe um objetivo, mas não um caminho. O que chamamos de caminho é hesitação”. A incerteza como viático. Haverá

um pós-corona, mas como alcançá-lo? Nem os cientistas nem os líderes estão de acordo – como dito acima. Acreditaríamos (com certeza) que Kafka talhou essas palavras para nós. O que não nos surpreende já que ele escreveu um livro que começa assim: “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se confinado”. Mais um para a *playlist*.

Goethe quebrou a cabeça para refutar a teoria das cores de Newton, empreitada ridicularizada, desde então, pela história da ciência. No entanto, o suicídio de Werther foi seguido na Europa por uma onda de suicídios, o que prova que a realidade romanesca de Goethe não era menos sólida que a de Newton. Todos conhecemos universos que tiram sua verdade do intangível. Deus ou o inconsciente, o átomo ou a democracia. Como viver em meio a ilusões? É o que nos ensina a literatura. Ela nos ensina, por exemplo, outros tempos e espaços, imersões que o confinamento tornou necessárias. O tempo da narrativa não corresponde ao tempo do leitor e, mesmo assim, cada leitor mergulha nele a cada vez que reabre o livro. O espaço da narrativa jamais acolherá o leitor e, mesmo assim, a cada leitura, cada leitor mergulha nele... Mergulha do outro lado do real, como Alice, e, como Alice, encontra um real outro, nem mais nem menos louco, mas que exige o abandono de toda certeza para ser percorrido. Os gigantes de *Dom Quixote* existiam apenas na mente do Cavaleiro da triste figura, mas seria um erro zombar disso, visto que gerações de leitores seguiram suas aventuras sem a certeza de que ele teria existido fora de suas mentes.

Como viver em meio a ilusões? É o que nos ensina a literatura. Ela nos ensina, por exemplo, outros tempos e espaços, imersões que o confinamento tornou necessárias.

Nossos corpos ameaçados e confinados se acostumaram a existir virtualmente e por procuração em imagem, o que permitiu a realização ininterrupta de conselhos de administração ou de reuniões ministeriais, de seminários universitários e de consultas profissionais. Com direito a voto e a tomada de decisão. Uma responsabilidade assim reconhecida em seres virtuais apenas prolonga aquela conferida a seres de papel. Quando o Tribunal imperial absolveu em 1857 *Madame Bovary* da acusação de “ultraje à moral pública e religiosa e aos bons costumes”, Flaubert ficou desolado por sua Emma ter sido tratada como uma prostituta. Assim como o foram suas primas irlandesas acolhidas por Joyce em *Ulysses*, que, contudo, não escaparam da ira da justiça, já que o romance, publicado em 1922, foi proibido nos Estados Unidos por “*obscenity*” até 1934 e no Reino Unido até 1936. Seriam essas criaturas culpadas ou inocentes? De todo modo, foi a literatura que as fez existir.

Ora, a realidade que vivemos hoje através de telas e de máscaras tem tudo de um simulacro, o que não assusta a literatura, ela que nos entrega uma realidade que se parece com a realidade, mas que não o é.

Há alguns anos, Jean Baudrillard refletiu sobre o conceito de simulacro, o qual foi rapidamente acomodado junto à parafernália pouco confiável (incerta?) do pós-modernismo. Ora, a realidade que vivemos hoje através de telas e de máscaras tem tudo de um simulacro, o que não assusta a literatura, ela que nos entrega uma realidade que se parece com a realidade, mas que não o é. Prova disso são as posterioridades romanescas que aceitamos ignorar. O que será de Charles Bovary e de Rodolphe após o suicídio de Emma? Será que nos preocupamos com isso, nós que os seguimos

de tão perto? Qual o futuro dos personagens sobreviventes de *Os miseráveis* ou de *E o vento levou* terminada a última página? A imprudência ou a vontade de lucro levaram alguns escritores a adicionar algumas páginas, uma continuação para o enredo. O resultado é duvidoso, e o talento dos ditos escrivães não tem nada a ver com isso. A realidade de um romance limita-se a seu texto, e não vai além dele.

Nesse sentido, todo romance é inacabado. Sem acabamento, não há certeza. O que não é um problema pois o pequeno humano, ele também, nasce inacabado e, por essa razão, não é capaz de andar antes de um ou dois anos de idade, diferentemente de um bezerrinho ou de um filhote de elefante. É verdade, mas esses últimos não sabem ler.

<i>Alexis Nouss</i>	Professor de literatura geral e comparada da Universidade de Aix-Marselha. Foi professor da Universidade de Cardiff e da Universidade de Montreal. Lidera o grupo “Transposições” no Centro Interdisciplinar de Estudos da Literatura em Aix-Marselha (CIELAM) e ocupa a cátedra “Exílio e migração” na Fondation de la Maison des Sciences de l’Homme/FMSH, Paris). Seus campos de pesquisa e reflexão estão ligados, em particular, à tradução, à experiência do exílio, à cultura europeia e à literatura de testemunho. Entre seus livros estão: <i>Plaidoyer pour un monde métis</i> (2005), <i>Paul Celan. Les lieux d’un déplacement</i> (2010) e <i>La condition de l’exilé. Penser les migrations contemporaines</i> (2015).
<i>Sergio Novo e Tatiane França Rangel</i>	Tradução Mestrandos em Ciência da Literatura/UFRJ

Texto recebido em 14 de maio de 2020.